

Breve relato dos Capuchinhos em Minas Gerais

Fr. Glaicon G. Rosa, OFM Cap.

Minhas Gerais já havia sido marcada pela presença Capuchinha no início do século XVIII graças à ação dos Missionários Capuchinhos Ambulantes. Grandes homens que não mediam esforços na dedicação da missão e na promoção humana e social do povo que encontravam em suas caminhadas. Figuras ilustres como Frei Eugênio Maria de Gênova, o Reverendo Padre Mestre e Missionário Apostólico; Frei Luiz de Ravena, o missionário e eremita da Serra da Piedade; os Freis Serafim de Gorizia e Ângelo de Sassoferrato missionários entre os indígenas e fundadores de Itambacuri, bem como Frei Francisco de Coriolano, apóstolo das populações sertanejas e Frei Caetano de Messina, conhecido como o “Missionário Gigante”, dentre outros.

Na história franciscana capuchinha mineira, os Frades Ambulantes têm um lugar de muita importância e reverência. Graças aos seus esforços e às suas missões, com suas presenças vivas e marcantes neste solo, plasmaram no coração do povo mineiro uma devoção popular bem rica e piedosa. Percorriam grandes distâncias catequisando os indígenas nos aldeamentos, pregando missões populares, deixando marcas como a construção de igrejas, hospitais, estradas, cemitérios, escolas etc.

Nessa época, o território de Minas Gerais estava sobre a responsabilidade da Prefeitura Apostólica do Rio de Janeiro, extinguida em 1829 e reestabelecida em 1840; então a história do que hoje são duas províncias – Província de Minas Gerais e Província do Rio de Janeiro e Espírito Santo – se confundem nos séculos XVIII e XIX.

A partir de 1936, com a missão em Minas Gerais assumida pela Província siciliana de Messina, eram lançadas bases sólidas na implantação da Ordem nesta porção do Brasil. Sendo assim, foram enviados sete frades missionários para a nova missão: Frei Teodósio de Castelbuono, Frei João Batista de Catania, Frei Clemente de Maletto, Frei Odorico de Resuttano, Frei Conrado de Troina, Frei Liberatto de Catania e Frei Leão de São Mauro. Saíram de Messina no dia 07 de setembro de 1935 e chegaram treze dias depois ao Brasil. Porém ficaram hospedados com os Frades Capuchinhos de São Paulo para aprenderem a língua e os costumes da nova terra. Assim, aos 06 de fevereiro de 1936, chegaram ao destino da tão sonhada missão: a cidade de Carmo do Paranaíba na região do Alto Paranaíba.

Recebidos com alegria pelo bispo da então Diocese de Uberaba e pelo povo, deram início ao trabalho de implantação da Ordem e de cuidado do povo. Não foi, de fato, um início

fácil; o árduo trabalho e a extrema dedicação mostraram ao povo a motivação evangélica da presença daqueles missionários. De Carmo do Paranaíba saíram frades para fundar outras Fraternidades como Frutal, Patos de Minas, Belo Horizonte e Uberaba. Aos poucos, a presença Capuchinha se estabilizava e novas vocações foram surgindo. Sendo necessário um espaço para acolhê-las, inaugurou-se em Carmo do Paranaíba o Seminário Sagrado Coração de Jesus e, posteriormente em Ouro Fino, o Seminário Seráfico Santo Antônio.

Com o frutuoso trabalho, a missão foi elevada a Custódia com seu governo próprio e sua estrutura, ainda com relações fortes com a “Província Mãe” de Messina. Dessa Província Mãe vieram, ao longo dos anos, 55 missionários para a Missão em Minas Gerais. A Custódia foi crescendo e amadurecendo, abrindo novas Fraternidades e expandindo o seu trabalho missionário. O cuidado com as Paróquias confiadas aos frades e o testemunho de força, coragem e trabalho identificavam os Capuchinhos no meio do povo, que por sua vez recorriam sempre aos conventos buscando ajudas materiais e orientações espirituais. Eram frades do altar, dos confessionários e dos trabalhos, dando testemunho de vida e colaborando na promoção do Reino de Deus. A justa medida desses três ambientes fazia com que os frades não se esquecessem da gênese da sua vocação capuchinha.

Aos 15 de dezembro de 1980, com a presença do Ministro Geral Frei Pascoal Riwaliski e do Ministro Provincial de Messina Frei Fiorenzo Fiore, a Vice-Província foi elevada a Província, sinal de sua maioridade e autonomia total com relação à Província de Messina, porém, os laços fraternos ainda nos unem até hoje. Assumiu como primeiro Ministro Provincial Frei Antônio Roberto Cavuto, hoje bispo da Diocese de Itapipoca, no Ceará.

Conhecer a nossa história nos faz conscientes da nossa identidade Capuchinha Mineira que carrega em si as marcas do Evangelho, de Francisco e do nosso povo mineiro. Não será possível apagar da memória de tantas pessoas e de tantos lugares as típicas figuras dos Capuchinhos; suas “veneráveis barbas”, seu hábito marrom, seu cordão, o santo terço que sempre seguia atado à cintura, as sandálias gastas de tanto andar, a austeridade que viviam e a capacidade de trabalhar que possuíam. Tudo isso faz parte do imaginário, eternizado pelos exemplos dos grandes Missionários Capuchinhos nas terras das Minas Gerais. O Reino de Deus vai se construindo com um abraço, um sorriso, uma boa acolhida e o testemunho da vida. Maternamente amparados em nossas dificuldades e necessidades pela Virgem da Piedade, seguimos na proclamação da Paz e na construção do Bem.

Ser capuchinho é confiar no Senhor e colocar-se a seu serviço, é encantar-se pela simplicidade cotidiana, é estar apaixonado pelo Reino de Deus e ser parte importante dele. Ser

capuchinho é viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e, assim, ser missionário. Ser capuchinho mineiro é estar apaixonado pela rica cultura das Minas e pela força das Gerais.

Mineiridade

Prudente Nery

[...]

Fala-se, Brasil a fora, de MINEIRIDADE; determinadas marcas, características determinantes do povo deste chão... Isto chega, aqui e ali, aos nossos ouvidos: povo silencioso, taciturno, quase, avesso aos barulhos e grandiloquências; gente de colóquios amenos, ao cair das tardes, das serestas ao luar, das conversas noturnas, soturnas noite a dentro, povo religioso...

Se tudo isso procede, não sabemos. O que nós sabemos é que nosso chão é duro, de pedras e rochas, salpicado de metais e que somos filhos daqueles que vergaram sua espinha em trabalho penoso e escravos, e aí, perdidamente, se apaixonaram pela liberdade... O que sabemos é que as pedras e as rochas nos ensinaram: que tudo que é duradouro e resistente exige tempo e paciência. Pelo menos, o mesmo tempo e paciência que precisou a terra, nossa mãe, para gerar as pedras seculares sobre as quais caminham nossos pés. Talvez, daí nossa FRATERNIDADE.

O que sabemos e conhecemos são as montanhas que nos cercam por todos os lados. Nossos horizontes HORIZONTAIS são curtos, não alcançam mais longe do que até a próxima montanha... Por isso, não temos outra saída para nosso olhar, senão erguer os olhos para as ESTRELAS; por isso, nós as amamos e nos sentimos bem em sua companhia, à noite. Talvez, por isso, sejamos românticos?

E vamos às montanhas, porque não temos outras chances, porque nossos caminhos passam por elas... E porque nos sentimos bem lá, costumamos erguer, lá, alguns refúgios para que os homens se sintam próximos dos céus e acolhidos entre a terra e o céu. Talvez, por isso, sejamos “religiosos”?

Realmente não sabemos se já isto que se chama MINEIRIDADE e o que isto seria. O que sabemos é que nos sentimos bem aqui “entre as montanhas”, sob as estrelas, em silêncio [e que, em nosso coração, há sempre espaço].